

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ICARO CESAR CAINAN DA CUNHA CLARO OLANDA

CARTAS E DIÁLOGOS COM *A PALAVRA QUE RESTA*, DE STÊNIO GARDEL

**Jaguarão
2022**

ICARO CESAR CAINAN DA CUNHA CLARO OLANDA

CARTAS E DIÁLOGOS COM *A PALAVRA QUE RESTA*, DE STÊNIO GARDEL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português Espanhol e suas respectivas literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras Português e Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos

**Jaguarão
2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

o42c Olanda, Icaro Cesar Cainan da Cunha Claro
Cartas e diálogos com A palavra que resta, de Stênio
Gardel / Icaro Cesar Cainan da Cunha Claro Olanda.
36 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)--
Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E
ESPANHOL, 2022.

"Orientação: Moacir Lopes de Camargos".

1. A palavra que resta. 2. Cartas. 3. Dialogismo.
4. Literatura. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

ICARO CESAR CAINAN DA CUNHA CLARO OLANDO

CARTAS E DIÁLOGOS COM *A PALAVRA QUE RESTA*, DE STÊNCIO GARDEL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras – Português, Espanhol e Respectivas
Literaturas da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 15/08/2022.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos

Orientador
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Fabiana Giovani

(UFSC)

Profa. Ms. Ana Lúcia Machado

(UFSC)



Assinado eletronicamente por **Fabiana Giovani, Usuário Externo**, em 16/08/2022, às 19:49, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MOACIR LOPES DE CAMARGOS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/08/2022, às 21:26, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Ana Lúcia Machado, Usuário Externo**, em 30/08/2022, às 13:45, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0892189** e o código CRC **0572FF02**.

Unipampa – Campus Jaguarão

Rua Conselheiro Diana, nº 650 - Jaguarão/RS - CEP: 96300-000

Telefones: (53) 3261-4269, (53) 3240-5450

“O leitor verá que, embora eu escreva e assine o que aqui vou narrar, de fato, o texto que aqui apresento, não sou o autor absoluto. Tomando a perspectiva bakhtiniana, o autor é polifônico, ele ouve ecos de vozes passadas, escuta as vozes presentes e responde a elas.”

Moacir Lopes de Camargos

AGRADECIMENTO

Pediria ao seu Ananias, amigo de D. Sofia, que entregasse essa carta às pessoas que me tocaram, aquelas que me enxergaram, aquelas que me coloquei à escuta e me escutaram também, contudo, poderia ser pesado demais para seu Ananias carregar, em sua bolsa, essas palavras. Então, decidi que escreveria elas aqui. Exprimidas nestas palavras está o meu tom, um pedaço de mim para que fossem lidas ou escutadas por quem me toca. Como no conto “Os sobreviventes”, de Caio Fernando Abreu: *Já li tudo, cara, já tentei macrobiótica psicanálise drogas acupuntura suicídio ioga dança natação cooper astrologia patins marxismo candomblé boate gay ecologia, sobrou só esse nó no peito, agora faço o quê? não é plágio do Pessoa não, mas em cada canto do meu quarto tenho uma imagem de Buda, uma de mãe Oxum, outra de Jesusinho, um pôster de Freud, às vezes acendo vela, faço reza, queimo incenso, tomo banho de arruda, jogo sal grosso nos cantos, não te peço solução nenhuma.* Foi tentando de -quase- tudo e com nó no peito que andei/ando por aí e sou afetado pelos (des)encontros, *pelas verdades ou mentiras, coisas boas ou más* dirigidas a mim, pelos Cíceros -brasileiros do sul e do norte, uruguaios, argentinos- que partiram deixando e lavando seu/nossos suores e nossas juras de amor, pelas narrativas compartilhadas, pelos (não) ditos. Foi recebendo dicas de um amiga Irene -entendedora das palavras e das coisas complexas de se pensar/viver- que entre um espumante francês e uma discussão ética/estética -de maquiagem, de um bom Chanel, falsificado claro, pois como diz Agrado, com tanta fome no mundo, não seria louca de usar um Chanel verdadeiro- que fui me (re)compondo. Fui sendo afetado pela amorosidade de uma amiga que gosta de refletir sobre *meninos de vestidos*, e sobre as coisas do cotidiano. Foi a partir desses diálogos que se sou *o único homem a bordo de meu barco*, como escreveu Sophia de Mello, embora eu saiba que nunca estive sozinho neste barco à deriva...

“Clássicas ou contemporâneas, nenhuma delas deve ser criticada por isso. À sua maneira, cada uma busca apenas essa coisa – o Amor: a Ancestral Sede Antropológica. O que pode acontecer (vide Rimbaud e Verlaine) são transmutações: Irenes que se ajaciram; Irmas (com tendência etílica) que viram Telmas; Telmas que – bem comidas – se irenizam ou mesmo ajaciram e etc. As mutações são tantas quanto as do I Ching. Há quem diga que essas novas têm até nome, como as Juremas (Jaciras que se tornam Irenes) ou Jandiras (Jaciras exacerbadas tipo Clóvis Bornay). Pode ser. Mas segundo nossos estudos, Jacira que é Jacira nasce Jacira, vive Jacira, morre Jacira. No fundo, achando o tempo todo que Telmas, Irmas e Irenes não passam de Jaciras tão loucas quanto elas. E talvez tenham razão. As grandes idéias surgem da observação dos pequenos detalhes”.

Caio Fernando Abreu

-A lenda das Jaciras (Psico-antropologia

Fake-

RESUMO

Neste trabalho, ou melhor, neste meu projeto de dizer teria que escrever sobre o que me toca, o que me faz pensar sobre o que queria ser. Não por ser inovador ou único, mas para fazer sentido para mim, sobretudo. Resolvi, então, escrever sobre o romance *A palavra que resta*, de Stênio Gardel (2021). Queria saber qual a palavra que resta entre Raimundo e Cícero. Raimundo, viado, analfabeto, que aos 71 anos de idade vai para a escola para aprender a ler e escrever. É através da palavra que ele poderá escutar/ler a carta que Cícero, seu homem, pediu que Marcinha, irmã de Raimundo, levasse-a até ele. Queria dar a minha *contrapalavra* a estes e a outros personagens. Queria, antes de tudo, conversar com eles, perguntar o que pensavam, compartilhar coisas vividas, escutar o que Raimundo e os gritos Suzzanný tinham a dizer e, também, queria que eles me escutassem. Sendo assim, me coloquei à escuta deles para poder também me escutar. Para conversar com Stênio Gardel, com Raimundo, com Cícero, com D. Caetana e seu Damião e com Suzzanný -personagens de *A palavra que resta*-, lembrei-me de outros amigos da vida cotidiana; escrevi cartas para meu professor orientador, procurei aflita minha amiga Irene -ela é entendida das coisas difíceis das palavras e de como elas nos afetam- e de outros que já morreram ou estão por aí. Enfim, chamei todos/as para me ajudarem. Precisei das suas palavras, dos seus pensamentos para poder me expor, como diz um amigo espanhol, diante de quem me interessava estabelecer diálogos. E eles/elas me ajudaram.

Palavras-Chave: *A palavra que resta*. Cartas. *Dialogismo*. Literatura.

RESUMEN

En este trabajo, o más bien en este mi proyecto de decir tendría que escribir sobre lo que me toca, lo que me hace pensar en lo que quería ser. No porque sea innovador o único, sino para que tenga sentido para mí, sobre todo. Entonces decidí escribir sobre la novela *A palavra que resta*, de Stênio Gardel (2021). Quería saber qué palabra queda entre Raimundo y Cícero. Raimundo, un *puto*, analfabeto, que a los 71 años va a la escuela para aprender a leer y escribir. Es a través de la palabra que podrá oír/leer la carta que Cícero, su hombre, le pidió a Marcinha, hermana de Raimundo, que se la llevara. Quería dar mi *contrapalavra* a estos y otros personajes. Quería, sobre todo, hablar con ellos, preguntarles qué pensaban, compartir experiencias, escuchar lo que Raimundo, los gritos de Suzzanny tenían que decir, y quería que me escucharan. Entonces, los escuché para poder escucharme a mí mismo también. Para conversar con Stênio Gardel, con Raimundo, con Cícero, con D. Caetana y *seu* Damião y con Suzzanny -personajes de *A palavra que resta*-, recordaba a otros amigos de la vida cotidiana, escribí cartas a mi profesor orientador, busqué a mi amiga Irene -ella entiende las cosas difíciles de las palabras y cómo nos afectan- ya otros que han muerto o están por ahí. En fin, llamé a todos/as para que me ayudaran. Necesitaba sus palabras, sus pensamientos para poder exponerme, como dice un amigo español, ante el que me interesaba entablar diálogos. Y ellos/as me ayudaron.

Palabras-llaves: *A palavra que resta*. Cartas. *Dialogismo*. Literatura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO CARTA AO PROFESSOR MOACIR E RESPOSTA	12
CARTA PARA STÊNIO GARDEL 01	15
CARTA PARA BAKHTIN 02	19
CARTA PARA RAIMUNDO 03	22
CARTA PARA D. CAETANA E SEU DAMIÃO 04	26
CARTA PARA CÍCERO 05	30
CARTA PARA SUZZANNÝ 06	32
REFERÊNCIAS	35

Curitiba, primeiro dia de outono de 2022

Professor Moacir,

A palavra é o testemunho de uma ausência.
Escrevemos, antes de tudo, para testemunhar
as nossas faltas, quer procurando supri-las,
quer buscando carinho para aliviar a dor.
Escrevemos para dizer o que não sabemos,
o que não amamos, o que não somos -mas queremos.

Gustavo Bernardo

Como tem passado, professor? Saudades das nossas conversas presenciais, seja nos encontros do GEBAP, seja pelas palavras (re)escritas em trabalhos, seja num café com toda a turma. Alguns professores, diferentes de você, equivocadamente, não se aproximam de seus alunos, acreditam que deva existir um distanciamento entre os sujeitos envolvidos na prática docente. Contudo, como refletiu Freire, na prática docente há de ter amorosidade, pois *não há diálogo [...] se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funda [...]. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo.* Foi partindo dessa e de outras reflexões que resolvi escrever para você. Queria pedir, se for possível, que você me (des)orientasse em meu trabalho de conclusão de curso.

Ao te fazer esse pedido, preciso te contar sobre o que (re)pensei em escrever como texto final. Fiquei remoendo as questões que me tocam, pois, como na epígrafe desta carta, “Escrevemos, antes de tudo, para testemunhar as nossas faltas, quer procurando supri-las, quer buscando carinho para aliviar a dor”. Há meses tenho tentado delinear sobre qual seria meu projeto de dizer. Dizer o quê? Por quê? Para quem? Como? Estas foram as primeiras inquietações -fora o tempo, pois logo o semestre começaria- que me perturbaram, já que prefiro me colocar à escutas de outros, do que ser colocado à escuta. Como não há alternativa para a não realização do trabalho de conclusão de curso, minha saída foi me perguntar, procurar à minha volta, pelas disciplinas cursadas, pelos diálogos estabelecidos no GEBAP, e nas conversas do cotidiano o que poderia ser dito.

Sendo assim, professor Moacir, quero te contar que o meu projeto de dizer chegou a mim pela amorosidade de outrem. Recebi, em minha casa, um exemplar do romance de estreia de Stênio Gardel, *A palavra que resta*. Durante a leitura do romance fiquei tocado pela narrativa; o trabalho ético/estético com a palavra contida nele me fez perceber que este romance seria o meu projeto de dizer. Professor, você já leu esse livro? Conhece a narrativa? *A palavra que resta* narra a história de Raimundo Gaudêncio de Freitas, homem, viado, analfabeto que, aos 71 anos de existência, começa a ir à escola para aprender a ler e escrever na tentativa de ler uma carta deixada por Cícero, seu único amor, há 50 anos. O fio condutor na narrativa, professor, é justamente a carta que Cícero escreveu para Raimundo poder escutar -não ler, mas escutar pela boca de alguém-.

Escolhido o que dizer, professor, me perguntei: Como dizer? Não queria escrever a partir do gênero artigo, não sei escrever um artigo -artigo é para revista, é para ser publicado, o que escreverei não se presta a isso- Tive a ideia de escrever meu trabalho através de cartas, um gênero discursivo que conduz a narrativa em *A palavra que resta* e que me toca -carta eu sei escrever-.

Outro ponto, professor Moacir, decidi que escreveria/tentaria dizer, não a partir da rigidez da “linguística dura” ou do campo da Teoria Literária, como teriam aprovado alguns professores -isso não me toca-. O que quero dizer é através das palavras, dos signos e dos diálogos que estão retratados no mundo estético e no concreto, os que estão em mim também; em suma, dar a minha *contrapalavra* -sem pretensões vaidosas-. Por último, ficou a pergunta: para quem dizer? Então, compreendi que não poderia ser diferente, escreverei para os personagens que me tocaram. Sendo assim, professor, queria que esse fosse o meu projeto de dizer. Queria que você me dissesse se acha possível esse trabalho? Se sim, você aceitaria dar a suas *contrapalavras* às minhas?

Abraços,

Ícaro.

Ps: Não pode ficar só nas fofocas de facinhoras né! Tem que
 já fazer ^{no} o diploma de Trupe!

Bogé, outono com cara de inverno, 22

Hola, ¡qué tal guri? Frio por aí?
 Bueno, recibí tua carta (email) e
 vou responder escrevendo a mão por
 que sempre gostei de cartas, lembra
 da exposição que ^{fiz} na galeria sobre
 postais de vários países? Aliás, pro-
 fessores mais velhos adoram escrever
 no quadro (risos). Agora que voltou às
 aulas presenciais eu comprei vários pincéis
 de cores variadas! Vou encher o quadro né!

Mas te respondendo a pergunta da
 carta eu li esse romance em janeiro
 quando estava de férias em Floripa na
 casa de minha amiga. Eu adoreiiii. Li
 em uma tarde. Acho que dá uma
 discussão e um texto final, bem di-
 ferente a proposta de escrever cartas
 e dialogar com o autor e os persona-
 gens. Mas tu sabe que nem toda banca
 vai entender uma proposta assim! Po-
 dem te sacar el cuero! ou te
 dar um 6,0, aprovado sem laudar!
 Enfim, sem espichar mais a fala, po-
 des te jogar na escrita! sea lo quien
 sea, siempre he sido una madre
 para desconocidos! Estoy con vos!

Abrazos Prof. Mõa

Ps: escreva e põe no
 doc, ok!

Bagé, final do outono de 2022

Para Stênio Gardel,

Todas as cartas de amor são
 Ridículas.
 Não seriam cartas de amor se não fossem
 Ridículas.
 Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
 Como as outras,
 Ridículas.
 Afinal, só as criaturas que nunca
 escreveram cartas de amor
 é que são ridículas.

Álvaro de Campos (Fernando Pessoa)

Te escrevo sentado na minha cama emprestada, num quartinho típico de uma jacirinha, como apontaria Caio Fernando Abreu. Há quadros, uma escrivaninha, livros - os de Caio sempre por perto, e agora, o seu também -. Gardel, você já leu o Caio? Não sei. Antes de um amigo me apresentar esse escritor gaúcho, em 2018, não o conhecia também, mas depois, depois de lê-lo, as coisas foram *menas* sozinhas. Hoje fez frio. Ainda bem, porque detesto calor. Não é a primeira vez que tento te escrever esta carta -acho que na construção anterior deveria usar a próclise, uma regra gramatical que deveria saber, mas sempre esqueço-. Tentei começar há dias, mas estou com raiva, triste, e sentimental demais, quase um niilista. Há momentos nos quais, sentado à mesa com meu amigo, sinto vontade de chorar, mas tenho vergonha de fazê-lo. A questão, como você poderá entender depois, é que esta carta tem um tom ridículo, *já que todas as cartas de amor são ridículas* como interpretou Maria Bethânia, recitando Fernando Pessoa.

Bom, Gardel, preciso te contar por que te escrevo: primeiro porque sinto saudades de quem (não) fui. De não estar cansado. Como num outro poema de Fernando Pessoa: *A criança que fui chora na estrada. Deixei-a ali quando vim ser quem sou; Mas hoje, vendo que o que sou é nada, Quero ir buscar quem fui onde ficou.*

Agora, *como hei de encontrá-lo?* Não sei. Sinto que, talvez, perdido nos entrelugares, nas faces de meus pais, nos meus poucos amigos, nos quartos,

carros, e beiras de estradas por onde passei (des)encontrando corpos de outros homens, nossos suores, línguas, e nossas narrativas. Se você me perguntasse sobre eles, *te diria que com alguns fui feliz, com outros fui mulher*. Enfim, nos (des)sabores que me acompanham até aqui.

O segundo motivo pelo qual te escrevo, Gardel, é resultado de profunda dualidade. Dualidade, pois sou estudante do Curso de Letras Português/Espanhol e, agora, no final de meu curso sou colocado à prova em um trabalho final, mais conhecido como TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), que será julgado por outros professores. E sinceramente, escrever é, como diria uma amiga Irene, um parto a fórceps -bom, pelo menos para mim-. Como não há fuga dessa situação, fiquei (re)pensando sobre o que poderia escrever, melhor dito, qual seria o meu objeto de análise -para ser mais do "acadêmico", já que muitos dos professores pelos quais passei poderão olhar para este texto e dizer: - isso não é um trabalho acadêmico, pois não escrevo a partir do gênero artigo e, alguns, diriam que o diálogo que tento estabelecer aqui não é científico, já que não se trata de uma reflexão da teoria literária, tampouco um estudo de "linguística dura". Para esses respondo, como refletiu Larrosa:

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pôr-nos), nem a o-posição (nossa maneira de opor-nos), nem a im-posição (nossa maneira de impor-nos), nem a pro-posição (nossa maneira de propor-nos), mas a exposição, nossa maneira de ex-por-nos, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se expõe. É incapaz de experiência aquele quem nada lhe passa, a quem nada lhe sucede, a quem nada lhe toca, nada lhe chega, nada lhe afeta, a quem nada lhe ameaça, a quem nada lhe fere. (LARROSA, 2004, p.161)

Sendo assim, escolhi tentar tecer sobre o que me toca, o que me desnuda, sobre as vozes que me (re)compõe, sobre o que me sangra, como na música de Gonzaguinha:

Quando eu soltar a minha voz
 Por favor, entenda
 Que palavra por palavra
 Eis aqui uma pessoa se entregando
 Coração na boca
 Peito aberto
 Vou sangrando
 São as lutas dessa nossa vida

E para isso, Gardel, escolhi seu romance de estreia, *A palavra que resta* (2021), para dar a minha *contrapalavra* à narrativa de Raimundo Gaudêncio de Freitas, personagem central de sua obra, a partir de uma abordagem ética/estética (Bakhtin). Dessa forma, teço minhas contrapalavras em formas de carta.

Ao escolher ler, Gardel, seu texto não foram poucas as indagações que surgiram seja pela construção sintática, seja pela própria narrativa, ou, ainda, pelo debate que levanta ao entorno do que é literatura, literatura *queer*, estética e outros temas que não seriam, nem serão, esgotados no que te escrevo, já que, o que te escrevo são algumas impressões que tive no decorrer da leitura. Contudo, como uma Jacira -que tem uma *gaydrinha* Irene- não posso fazer feio, é preciso mostrar que *reacentuei* as dicas de como degustar um bom vinho, um bom prato e escolher uma boa *écharpe* para discutir questões entre ética/estética.

Sendo assim -para eu não fazer feio-, quero te contar que nas conversas que tive com minha amiga Irene, meu orientador e tantos outros que, de certa forma, compõem o que escrevo, você me parece um autor engajado com o seu/nosso tempo. Isso não quer dizer que há, em *A palavra que resta*, um discurso panfletário, ao contrário. O rumo que toma a narrativa do personagem principal [Raimundo] Gaudêncio não é definido pelo desejável, e sim por sua não-universalidade -ser acolhido sem ressalvas por todo o grupo familiar-. Nas palavras de Sartre, em seu livro *O que é literatura?*

Eu diria que um escritor engajado quando trata de tomar a mais lúcida e integral consciência de ter embarcado, isto é, quando faz o engajamento passar, para si e para os outros, da espontaneidade imediata ao plano refletido. O escritor é mediador por excelência, e o seu engajamento é a mediação. Mas, se é verdade que se deve pedir contas à sua obra a partir da sua condição, é preciso lembrar ainda que a sua condição não é apenas a de um homem em geral, mas também, precisamente, a de um escritor. (SARTRE, 2004, p. 61-62)

Isto é, não poderia esperar que Raimundo, apesar de ser rejeitado e enxotado de casa por sua mãe, D. Caetana, encontrasse nos centros letrados (Rama) acolhimento ao seu corpo ou acolhesse corpos indesejáveis que são colocados à margem de centros de poder. Isso seria um problema entre o autor e o herói, como discute Bakhtin. Para este filósofo da linguagem, o autor não se confunde com o herói, pois se assim o fosse, olharíamos somente para o herói, não em seu todo, mas determinaríamos suas particularidades como bons ou maus em

atos isolados em detrimento do global estético que o compreende. O herói, na perspectiva bakhtiniana, está inscrito no acabamento ético/estético da linguagem e

[...] leva uma vida cognitiva e ética, seus atos se orientam no acontecimento ético aberto da vida ou no mundo pré-dado da cognição; o autor dirige o herói e sua orientação ético-cognitiva no mundo da existência que é por princípio acabado e que tira seu valor, sem levar em conta o sentido por-vir* do acontecimento, da própria diversidade de sua atualidade concreta. Se eu mesmo sou um ser acabado e se o acontecimento é algo acabado, não posso nem viver nem agir: para viver, devo estar inacabado, aberto para mim mesmo — pelo menos no que constitui o essencial da minha vida —, devo ser para mim mesmo um valor ainda por-vir, devo não coincidir com a minha própria atualidade. (Bakhtin,2000, p. 33)

Bom, estou tentando escrever e, se no final, tiver coragem, te envio.

Atenciosamente,

Ícaro

Bagé, primeiro dia de inverno de 2022

Para Bakhtin,

No descomeço era o verbo.
 Só depois é que veio o delírio do verbo.
 O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
 criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos.*
 A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
 para cor, mas som.
 Então se a criança muda a função de um verbo, ele
 delira.
 e pois.
 Em poesia que é voz de poeta, que é voz de fazer nascimentos -
 O verbo tem que pegar delírio.

Manoel de Barros

Vou te chamar de você. Se importa? Talvez não, afinal faz 47 anos que você faleceu. Não gosto do pronome de tratamento *senhor*. Me causa estranheza e certa repulsa -tenho consciência de que, pela gramática normativa, não deveria começar uma oração com pronome oblíquo átono, contudo prefiro ser mais aparentado com Oswald de Andrade-. Nos últimos meses trabalhei como atendente de *telemarketing* em uma empresa no centro de Curitiba/PR. Não gostei. Lá, precisava me referir a todos como senhor/senhora mesmo quando era ofendido, além de seguir um *script*, este gênero discursivo muito comum, acredito, no nosso mundo capitalista. E de gêneros discursivos você teorizou como ninguém, né, Bakhtin? E, é justamente sobre gênero que quero te compartilhar o que aprendi lendo você, ouvindo alguns professores e realmente vivendo alguns.

Te escrevo a partir do gênero carta pessoal, o que é engraçado, pois este gênero presume uma proximidade com o meu interlocutor, no caso você. Te conheci primeiro por outras vozes e interpretações, no segundo semestre de 2018, no curso de Letras. Agora, já em final de curso, te considero próximo o suficiente para te escrever e tirar minhas dúvidas.

O primeiro contato que tive com o gênero carta pessoal se deu em contexto não escolar. Foi minha mãe quem me deu a primeira tarefa de parir uma carta, que me fez escrever num gênero até então desconhecido por mim. Bakhtin, te conto como foi: Por volta dos meus 7 anos, me mudei com minha família para o interior de Minas Gerais. Fomos parar numa fazenda cercada de mata-burros, cobras, açudes

e sem sinal de televisão. Isso, para quem adorava assistir ao *Pequeno Urso*, ao invés de brincar em árvores, foi custoso aprender a ser uma criança da roça. Contudo, depois que aprendi a me divertir pulando em buracos, em paiol de milho e ligando as luzes dos tratores, aprendi a fazer arte também. Foi numa arte que minha mãe, brava que nem onça, me fez sentar e escrever uma carta. Lembro-me de chorar, pois não sabia o que era carta e não queria escrever para minha avó materna. Foi ela quem começou a dizer como escrevia: Icaro Cesar, primeiro você tem que dizer de onde você está escrevendo. Depois para quem você vai escrever. O interessante, Bakhtin, é que minha mãe não terminou o que, hoje, chamamos de ensino fundamental I, contudo, ela sabia as características relativamente estáveis desse gênero. E foi assim que tive meu primeiro contato com o gênero carta.

Mais tarde, na terceira série do ensino fundamental I, uma colega de sala de aula que era minha vizinha me pediu para que eu escrevesse uma carta para o Daniel, um menino que sempre me pedia emprestado o lápis de cor *amarrom*. Hoje sei que Daniel pode ter sido o primeiro menino pelo qual me apaixonei, paixão inocente, não de cunho sexual. Lembro-me que eu era um dos poucos alunos que já sabia escrever com certa fluidez pela série esperada. E quando ela me pediu isso, eu disse que sim, escreveria. Lembro-me que até a flor que saí a procurar para colocar na carta. Assinaria em nome de minha colega, mas queria ter algo meu ali. Hoje, sei que há reflexões que você, Bakhtin, propôs para isso: o estilo, por exemplo, de cada um que deixa um pedaço de si na escrita.

Queria ser ela, não no sentido de ser menina, mas de ser *eu*, queria que o Daniel soubesse que fora eu quem escrevera a carta. Queria que ele lesse e sorrisse para mim como a carta que Cícero, apaixonado por Raimundo, escreveu e pediu para que Marcinha entregasse ao irmão, sua paixão. Cícero, apesar de saber que Raimundo, na época, não sabia nem ler ou escrever, acreditou que se Marcinha levasse a carta para ele tudo estaria resolvido, pois *ele vai ouvir o que escrevi na carta, vai ouvir e vai vir me pegar, pra gente sair desse fim de mundo e ser feliz*. Como você pensou, Bakhtin: [...] *língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a língua entra na vida*. Sendo assim, passa a Raimundo saber o que seu *amor* havia escrito, como se as palavras, calcadas naquela carta, pudessem pular do físico e materializar-se. Anos depois, embora, mesmo antes de entrar no curso de letras, tive outra experiência com o gênero discursivo carta. Foi um

trabalho em uma perspectiva de aprendizagem com alunos do 6º ano do ensino fundamental, de uma escola estadual, do município de Artur Nogueira/SP. Os alunos frequentavam uma ONG (Organização não governamental) chamada Casa do Caminho. Nesta ONG, fui voluntário para ajudar as crianças com as suas tarefas escolares. Certo dia, as crianças perguntaram como se escrevia uma carta, pois precisavam escrever uma como tarefa de casa proposta pela professora de suas escolas. Fiquei pensando como poderia explicar esse gênero para eles. Lembro de perguntar-lhes se já haviam escrito alguma, se já leram, sabiam qual a finalidade de uma carta. Então, decidi levar exemplos reais da materialização linguística desse gênero (as cartas que meus pais trocaram entre si durante o tempo que estavam afastados, foram utilizados como material), além de propor a leitura de algumas para que percebessem o conteúdo que tratavam as cartas, ainda observarmos quais estruturas -relativamente estáveis- conseguimos encontrar na maioria das cartas, entre outras coisas. Então, após as perguntas, as dúvidas, as curiosidades que apontaram, propus que cada um escrevesse para alguém que gostasse e quisessem contar-lhes algo que se passou naquela semana. Depois de escritas as cartas, organizei com eles uma ida à Agência dos Correios da cidade para que conhecessem, experimentassem a real função sócio-comunicativa do gênero carta pessoal. Claro, essas observações que faço são depois de tanto matutar nas palavras dos professores, nas explicações e te lendo, Bakhtin.

Hoje, decidi que meu trabalho final, movido pelo fio condutor do livro *A palavra que resta*, seria escrito através de cartas.

Até,

Ícaro

Bagé, segunda semana de inverno de 2022

Para Raimundo Gaudêncio,

E de repente eu estava gostando dele,
 Num descomum, gostando
 ainda mais do que antes
 Com meu coração nos pés, por pisável; e
 dele o tempo todo eu tinha gostado. Amor
 que amei – daí então acreditei.

Guimarães Rosa – (Diadorim) Grande sertão
 veredas

Me acho um tanto que aparentado com você. Aparentado, não igual. Você veio da roça e, depois, foi parar num centro urbano; comigo foi ao contrário. Você já tinha experimentado o gosto do suco de caju na boca de Cícero. Comigo, isso foi muito tempo depois que saí da casa de meus pais. Pode haver ato mais íntimo entre duas pessoas? Trepar a gente trepa com qualquer um. Seja num cinema pornô, seja em algum banheiro, já que, pouco importa *se vemos os rostos, não interessam os rostos*. Agora beijar sentido o gosto de suco de caju na boca de outro, não.

Por vezes, prefiro fugir a me colocar à escuta de outros, pois o que vamos escutar não são apenas palavras, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más (Bakhtin). Você, Raimundo, tinha escolha: deixar sua irmã, Marcinha, ler a carta que Cícero te enviou, ou, como você ameaçou fazer, ir até a casa dele, mas não o fez. Por quê? Porque estava com medo, não é? Medo de que as palavras de Cícero não fossem as que você queria ouvir, que fossem palavras más, de que tudo pudesse ter terminado quando os seus pais descobriam que eram dois viados. O encontro do seu corpo e de Cícero durou dois anos, mas quando vocês estavam juntos os seus corpos eram língua(gem), enunciado concreto na vida: a saliva dos *beijos*, e o *suor dos abraços irrigavam, dentro deles, raízes fortes de agarrar as tripas e o que mais tivesse dentro*. Se engana quem pensa que a vida só se concretiza pelo ato da fala/escrita, o gozo é ato concreto, é enunciado extra-linguístico. Você, Raimundo, deixou uma vida todinha que poderia ter tido com Cícero.

Ao conhecer sua narrativa, Raimundo, rapaz viado, analfabeto, que saiu da roça, mas por medo foi parar, como Raul e Saul, personagens de Caio Fernando Abreu, num grande centro urbano onde se depara com uma aberração, um viado

imundo, ou melhor com a travesti Suzzanný, sua alteridade inimiga, como discute Butler. Eis que comecei a (re)repensar a minha alteridade/outro, e percebi que somente eu/nós sabemos *As esquinas por que passei*, como canta Djavan:

Só eu sei
 As esquinas por que passei, ei, ei, ei
 Só eu sei
 Só eu sei
 Sabe lá
 O que é não ter
 E ter que ter pra dar
 Sabe lá
 Sabe lá
 E quem será
 Nos arredores do amor
 Que vai saber reparar
 Que o dia nasceu
 Só eu sei
 Os desertos que atravessei, ei, ei, ei
 Só eu sei
 Só eu sei
 Sabe lá
 O que é morrer de sede
 Em frente ao mar
 Sabe lá
 Sabe lá
 E quem será
 Na correnteza do amor que vai saber se guiar
 A nave em breve ao vento vaga de leve e trás
 Toda a paz
 Que um dia o desejo levou
 Só eu sei
 As esquinas por que passei, ei, ei, ei
 Só eu sei
 Só eu sei
 E quem será
 Na correnteza do amor que vai saber se guiar
 A nave em breve ao vento vaga de leve e trás
 Toda a paz
 Que um dia o desejo levou
 Só eu sei
 As esquinas por que passei, ei, ei, ei
 Só eu sei
 Só eu sei

Raimundo, você é taurino, né? Cabeça dura. Eu também sou. Tenho que te contar que também saí de casa. Claro, não foi porque minha mãe, como a sua fez com você, me mandou ir ou porque me desprezou por ser viado, mas eu sabia que ficando na casa deles eu não seria quem eu sou hoje -isso não quer dizer que sei quem sou, sempre estou a procurar-me. Eu não teria (des)encontrado pelas esquinas os meus Cíceros. E, arrisco a dizer, que se você não tivesse conhecido a Suzzanný, você não teria ido à escola para aprender a ler, ou ter se reconhecido

como um corpo indesejado, como o de sua amiga, na cidade letrada (Rama). Só você sabe os desertos, ou melhor, as estradas, os becos, os cinemas sujos pelos quais passou. A dor do outro sempre é inacessível para mim (Bakhtin).

Raimundo, eu sei costurar também. Talvez, muito melhor do que escrever. Escrever é difícil. A gente quer dizer as coisas, mas a palavra fica presa na garganta. Dá um nó, dor seca. Depois que a gente cresce, então, piora. Porque a gente não tem coragem de dizer. Ontem, por exemplo, meu namorado me perguntou se me imagino com ele -as coisas mudaram um pouco, você deve saber, os viados podem tentar uma vida a dois agora-. Demorei para responder, e quando respondi disse que o amava. Ele entendeu, eu também. Ele foi o meu Cícero, acho que não mais agora. Alguém poderia ler o que eu escrevi e se perguntar o que tem a ver saber costurar com uma relação a dois, mas eu sei que você me entenderia. Gostar de alguém é igual ouvir o barulho da máquina de costura. Não precisamos nem ver o tecido, a agulha lançando a linha para bater o ponto, para saber que muitos pontos foram pulados ou estão frouxos. Não aguentariam o peso da vida, se usássemos o tecido costurado assim. Claro, Raimundo, você sabe. Era você quem se sentava à máquina de sua mãe e fazia ela funcionar. A gente sabe quando as coisas desandam. A gente vai tentando remendar, fazemos um *zig zag*, colocamos um retalho, mas nunca é suficiente. A gente sabe que a roupa suja, a gente lava, passa, recostura, mas a gente tem certeza que ela tem um fim...

Entre as suas escolhas, Raimundo, você fugiu. Na sua fuga deixou para trás o mundo que conhecia. Eu, aos meus 18 anos, deixei para trás o meu também, pois se ficasse não teria experimentado me (re)conhecer. Sai do interior de São Paulo e fui estudar Letras Português/Espanhol numa cidade (Jaguarão) do interior do Rio Grande do Sul, que faz fronteira com o Uruguai. Foi lá que conheci sorrisos, que tive meus primeiros Cíceros, que entre uma aula de teoria literária e sintaxe saía para sentir a barba de outro homem roçando meus lábios, mãos pelo corpo. Como escreveu Hilda Hilst, em seu livro *Cartas de um sedutor, gosto de cu de homem, cus viris, uns pêlos negros ou alourados à volta, um contrair-se, um fechar-se cheio de opinião*. Raimundo, talvez sua professora Ana poderia ter apresentado a Hilda à turma. Ela também escreveu poemas. Ali, que a vida acontecia no ato concreto. Foi lá que pude gostar de homem e não ser julgado pelos olhares do convívio familiar. Você, apesar da tentativa de repressão -por medo, pela vergonha, não sei-, também

buscou saciar o seu desejo pelo corpo masculino em quartos escuros, mesmo que depois de *ejaculada a vontade, se enchia de nojo e raiva*.

Raimundo, foi saindo de casa que vi que eu era diferente, era viado mesmo. Onde estudo tem viado, mulher que gosta de mulher, e tem Suzzannýs. Mas de Suzzannýs a gente quer distância, né. Um corpo que não queremos ver à luz do dia, não queremos ser associado a ele: *fruto podre, que só serve pra jogar nos chiqueiros da vida, nas casas velhas transformadas em cine pornô e nos quartos fedidos, cheios de pecadores, cheios e pragas cheias de pus, pelo corpo, pela alma, a gente tentava espremer as feridas ali, um espremendo o outro, sujos como dizem, a gente era igual, e era diferente, que travesti não cuida de vergonha*. Raimundo, o que nos faz ter horror aos corpos como o de Suzzanný? Um corpo que foge à regra do homem ocidental, branco, hétero e cristão, por exemplo. A gente é diferente, em algumas coisas, fato. Contudo, nos achamos corpos concretos melhores do que corpos como o de Suzzanný. Não, isso não é um ato ético. Falei sobre Suzzanný, pois foi ela quem te mostrou que você podia ser um Raimundo melhor. Foi ela quem te deu um caderno novo na noite de sua formatura para você continuar estudando ou escrever o que quisesse. Ela quem fez você escutar o que a carta de Cícero, que há 52 anos você guardava, dizia.

Raimundo, você encontrou um começo, né. Eu tô procurando o meu ainda. Até vou tentar não deixar a palavra presa em mim, vou tentar tirar ela desse buraco imenso...

Abraços,

Ícaro

Bagé, terceira semana de inverno de 2022

Para D. Caetana e seu Damião,

Da vez primeira em que me assassinaram,
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha.
Depois, a cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha.
Hoje, dos meu cadáveres eu sou
O mais desnudo, o que não tem mais nada.

Mario Quintana

Quando penso em vocês e Raimundo, me vejo um pouco refletido nas entrelinhas da narrativa. As escolhas que vocês fizeram mataram Raimundo aos poucos. Não estou falando de morte física, me refiro à história que ele tinha e poderia ter com Cícero. Raimundo e Cícero foram brutalizados pela palavra, no ato concreto do existir. Raimundo foi embora porque não aguentou as palavras que ouviu, palavras más, que você, D. Caetana, dirigiu a ele. Seu filho. Você o acusou de ter provocado a morte dos gêmeos, Pedro e Manuel. Raimundo ter segurado Pedro em seu colo, e desse ato ter espalhado pela casa toda a sua imundície, pois nas suas palavras isso não era coisa de homem, nem de Deus. Que seria melhor ele ir para longe. D. Caetana, Raimundo gostar de Cícero, se deitar com ele não é imundície, não tem nada a ver com Deus. Claro, você e seu Damião foram constituídos acreditando que isso era errado e sujo como estabelece a ideologia hegemônica (dominante).

Raimundo, sentiu falta. Contudo, você queria ele longe, longe de onde a vista pudesse alcançar. O engraçado é que, depois de tanto tempo, quando o tempo era tarde demais, seu filho voltou para o lugar onde nasceu, voltou para a casa onde viveu. Ele voltou com um nó cego em volta do peito, também como não haveria de ser assim? D. Caetana, Raimundo, seu filho, voltou como costureiro. Ele perguntou se você gostaria de saber disso, que teve um filho que costurava. Sinceramente, eu acredito que não. Claro, não disse isso para ele, quando mandei-lhe uma carta -inclusive, hoje ele já sabe ler e escrever-. Deixei ele imaginar que você dissesse palavras boas a ele.

De tudo que pude observar sobre você, D. Caetana, fiquei matutando porque foi você, e não o seu Damião, homem da terra dura, quem sentiu repulsa pelo que Cícero era: homem que gosta de homem. Gostar mesmo, *coisa de homem grande, com pelo no saco*. Fiquei dias conversando com uma amiga Irene -bom se você ouvisse uma história sobre ela e suas irmãs, se calaria e o seu silêncio já diria muita coisa-, ela é entendida das coisas importantes da vida e das palavras. Perguntei o que ela achava sobre isso, e a conversa foi longe, foi se esticando. Porém, preciso te dizer sobre o ponto que concordamos: no sistema em que vivemos, e você também, D. Caetana, é a mulher quem cria, no sentido de parir o seu rebento e, depois, ensina ele a viver. Entretanto, há um ponto muito importante na questão: a mulher, ainda, está inserida numa cultura dominante, na qual é o homem quem dita o que é imundice, o que não é coisa de Deus. Como mulher, você está sob esse jugo, sobretudo na época que tudo aconteceu com Cícero.

Ainda pensando sobre a questão, me coloquei à máquina de costura e tentei cerzir os pensamentos para entender melhor. Lembrei, então, de um filme que vi recentemente: A cor púrpura. Esse filme foi pensado a partir da obra de um escritor norte-americano. A narrativa centra-se na vida de Celie, mulher semianalfabeta e negra que desde muito nova sofreu fortes violências por meio da palavra (e também no couro), como Raimundo. Celie era violentada pelo marido, que lhe batia como convinha a ele. Ela cuidou dos filhos de seu marido, e quando um deles se casou com uma mulher que lutava para não ser submetida às vontades dos homens, Celie aconselhou o enteado a bater em sua mulher. Bate, bate nela, foi o que Celie disse. O que isso tem a ver com você, D. Caetana? Tudo, pois apesar de Celie sofrer pela palavra e pelos atos de um homem, ela não rompe com o que vem de cima, da cultura dominante, pelo contrário, Celie reproduz o discurso masculino, assim, como você quando mandou Raimundo que fosse embora por ser, o que o masculino denomina/va como sujo.

Sabe, D. Caetana, acredito que no momento em que você soube que Raimundo se deitava com Cícero, algo se rompeu. A ligação que vocês tinham, foi desfeita. Passou a ser *mais fina que a linha que entra no olho da agulha, quem sabe até um dia se partir ou vocês soltarem as pontas*. Raimundo não era diferente do tio, Dalberto, irmão de seu pai, Damião. E, você, D. Caetana, sabia disso. Já conhecia a história do irmão de seu marido, só que Dalberto já tinha notado que você passou

a olhá-lo de um jeito estranho, cumprimentava-o de um jeito insosso, depois que soube que seu futuro cunhado *gostava era de se virar pra homem*.

Sebe, D. Caetana, me lembro do dia em que emudeci, como Raimundo, quando perguntado que história era aquela que seu Nonato, pai de Cícero, contou para o seu Damião. Eu era mais novo, por volta da idade de Raimundo talvez. Cheguei da escola, estudava durante a tarde, com um *card* da imagem de algum rapaz/artista famoso. Lembro-me que ele estava sem camisa, só de jeans. Era um *card* da revista *Capricho*. Essa revista falava sobre filmes, livros, música, dicas de maquiagem. Imagino que maquiagem você nunca tenha nem usado, D. Caetana. Coisa de menina *muié*. Naquele dia, depois da aula, fui tomar banho e estava, no bolso da calça, com o *card* da imagem do rapaz sem camisa. Deixei-o em cima da pia do banheiro. Logo depois de sair do banho, minha mãe estava nervosa, com a voz alterada me perguntado o porquê daquele *card*, de um homem sem camisa, estar no banheiro quando fui tomar banho. Ela me disse que tinha alguma coisa errada, aquilo não era normal, um homem querendo tomar banho olhando para outro. Não respondi, fiquei sem voz, parecia que eu era mudo. Pensei em dizer algo, mas a vergonha e o medo me paralisaram. Claro, minha mãe sabia que mais cedo ou mais tarde eu iria me deitar com um homem. E isso, isso nenhuma mãe quer. Não é, D. Caetana?

Sabe, D. Caetana, seu Damião era diferente. Era sim. Tinha medo de perder o filho, rasgou-lhe o couro, mas amava o filho. Preferia tirar aquela coisa de dentro de Raimundo, antes que ela o tirasse dele. Seu Damião, como começar a conversar com você. Você que perdeu seu irmão mais novo, Dalberto. Tem coisa mais triste que perdemos alguém que gostamos? *A saudade é pior tormento, é pior que o esquecimento, é pior que se entrevar*, como escreveu Chico Buarque. Deve ter sido por isso, que depois que Raimundo se foi, foi para longe das vistas da mãe, a vida a dois com D. Caetana terminou, secou. Nem o juazeiro iria aguentar essa situação.

Seu Damião, você entendeu o seu irmão, quando ele ainda era vivo. Você não o desprezou, pelo contrário, tentou defendê-lo do seu pai. Claro, foi em vão. Naquela época, isso, deitar-se homem com homem era motivo mais do que justificável para se matar. Hoje, as coisas são diferentes. Se estivesse vivo veria que homem com homem, mulher com mulher andam pelas ruas. Com medo de encontrarem a morte numa estrada? E muito provável a encontre. Contudo, saem às ruas, mesmo que não sejam desejados a estarem nelas. Seu Raimundo, eu também

sou viado. Gosto, como Raimundo e Dalberto, de homem. Recentemente estava morando junto com um. Meu pai, diferente de você, não me bateu quando soube que eu não traria uma moça para ele conhecer. Primeiro, ele perguntou à minha mãe se eu não era “assim” por não ter o sangue dele. Não, eu nasci assim. Bem jacirinha desde pequeno. Contudo, isso não quer dizer que não tivemos embates. Viver é estar permeado pelo embate das palavras, é uma arena de lutas. Lembro-me do meu aniversário de 10 anos: minha mãe comprou alguns *cd's* que ela sabia que eu queria e um perfume, como presentes. Esperava um amigo da escola ir a nossa casa comer bolo que minha mãe sempre fazia. Hoje não me lembro se meu amigo foi, mas o que sempre rememoro é meu pai discutindo alto com minha mãe: - o Icaro tem que ganhar é uma picareta pra ver se para de fazer coisa de mulher (eu ajudava a secar a louça em casa). Essas coisas me afetaram e, talvez, ainda afetem hoje. A violência está aí: são ações do cotidiano, coisas pequenas permeadas pelos enunciados da língua. São enunciados, atos no/do mundo concreto, que foram dirigidas a mim, pelo meu pai, e para Raimundo, por você, seu Damião.

Seu Damião, cai na burrice de querer buscar uma racionalização do amor. Do amor que você sentia por seu filho. Fui procurar respostas, como você, quando saiu a procurar Raimundo pelas saídas da cidade, mas voltei com observações que tive com minha *gaydrinha*. Você, assim como eu, não temos álibi para nossa existência. Isso quer dizer que seja o dito ou o não-dito, temos responsabilidade por nossos atos. Apesar do contexto de uma cultura hegemônica, na qual o discurso hétero, ocidental e cristão prevalecer e nos interpelar, não somos assujeitados por ele. Afinal, se assim fosse, mudanças como aquelas que aconteceram com Raimundo ao andar à luz do dia com sua amiga travesti Suzzanny não seria possível. Você poderia ter feito como D. Caetana, ou seu pai que matou seu irmão, Dalberto, contudo, você escolheu tentar proteger seu filho, assim como sua mãe. Havia amor entre vocês. Isso não quer dizer que não houve embate, mas você falou com Raimundo, não sobre Raimundo.

Até,

Ícaro

Bagé, quarta semana de inverno de 2022

Para Cícero,

Quando o carteiro chegou
 E o meu nome gritou
 Com uma carta na mão
 Ante surpresa tão rude
 Nem sei como pude
 Chegar ao portão
 Lendo o envelope bonito
 O seu subscrito eu reconheci
 A mesma caligrafia
 Que me disse um dia: estou farto de ti
 Porém não tive coragem de abrir a mensagem
 Porque na incerteza
 Eu meditava, dizia: será de alegria ou será de tristeza?

Isaurinha Garcia

Cícero, você não precisará ouvir o que te escrevo, você sabe ler e escrever. Coisa importante de se aprender, mas difícil. Raimundo, depois de velho, foi para a escola para aprender. Primeiro aprendeu a fazer o próprio: *Raimundo Gaudêncio de Freitas, traço incerto, arredio ao toque do papel. Escrever Raimundo não foi difícil. Complicado era Gaudêncio, denso de saudade, as cinco vogais e acentuado. Freitas era feito de sangue.* Era você, Cícero, quem iria ensinar a ele, lembra? *Não deu tempo.*

Fico imaginando, assim como Raimundo, como teria sido a vida de vocês se o medo da palavra e o peso dela, o medo de escutá-la na carta que você, Cícero, escreveu, e o peso das palavras de D. Caetana, não tivesse feito Raimundo ir embora. Deixar para trás, o lugar onde nasceu, você e a cruz na beira da estrada. Raimundo, por medo e vergonha -imagino-, não deixou que Marcinha lesse a carta para ele. Você disse que ele iria escutar a carta, era importante o conteúdo dela. Era sim, teria evitado tanta dor para vocês dois.

Sabe, outra coisa que fiquei pensando aqui: você escreveu uma carta, não um bilhete. Carta é um gênero discursivo importante, até hoje, em geral, escrevemos a partir desse gênero. Saber escrever uma carta marca posição e vida contidas através das palavras. Cícero, uma vez li numa revista que até a metade do século XX, na região nordeste do país, as famílias e pessoas importantes escreviam cartas para dizer sobre as coisas importantes. Por isso que você mandou uma carta para

Gaudêncio, decidir ir embora com outro homem para viver não era coisa de se brincar. Era uma decisão perigosa, suja e errada para alguns, mas você estava decidido. Escrevi algumas cartas, algumas nunca tive resposta. Ultimamente, tenho pensado em escrever uma carta ao rapaz que foi meu Gaudêncio, preciso dizer o que decidi, coisa importante que muda a vida da gente, como a sua Cícero e a de Raimundo.

Cícero, Gaudêncio, o seu Gaudêncio, nunca deixou de pensar em ti, de sentir seu corpo quente, suar ao remendar as lembranças contigo. Ele não encontrou um homem pelo qual ele quisesse levar uma vida a dois, morar junto -no sentido mais complexo-. Preciso te contar que ele nunca esqueceu do dia da moenda e você, Cícero: *tu ia se lembrar onde a gente estava? do que aconteceu aquele dia? eu ia te deixar, depois da moenda do milho que teve lá em casa, era tarde, de repente tu pegou minha mão, apertou de um jeito, um doer bom, e apertou mais quando apareceu um vulto tremendo na quentura que subia da terra, uma pessoa de bicicleta vinha na nossa frente, a gente não parou de andar nem segurar a mão um do outro, tu sem dizer nada, eu sem dizer nada, e se fosse um conhecido? eu olhava pra tu e tu com os olhos quietos no longe da estrada, como se a estrada fosse um deserto, um deserto que tu tinha que vencer a pé, mas numa hora tu me olhou de volta, e eu senti foi tu procurando a mesma vontade em mim, não sei o que tu viu, mas eu não soltou a minha mão, e eu não soltei a tua, a bicicleta chegou mais perto, e deu pra ver que era um rapaz com uma moça na garupa, duas pessoas que iam ver a gente, mas elas não separaram as mãos que tu juntou, e nosso passo ficou mais largo ou foi a bicicleta que se apressou, só sei que ela passou por nós voando, um borrão no mundo arredor, não deu para saber se era conhecido, mas deu pra ouvir, não foi? o rapaz admirado perguntar pra moça se ela tinha visto dois machos de mão dada, eu pensei que no segundo seguinte minha mão não ia estar mais na tua ou eu queria que ela não estivesse, não sei, mas eu não larguei e tu não largou.*

Abraço,

Ícaro

Bagé, quinta semana de inverno de 2022

Para Suzzanný,

Perdi-me do nome,
 Hoje podes chamar-me de tua,
 Dancei em palácios,
 Hoje danço na rua.
 Vesti-me de sonhos,
 Hoje visto as bermas da estrada,
 De que serve voltar
 Quando se volta para o nada.
 Eu não sei se um anjo me chama
 Eu não sei dos mil homens na cama
 E o céu não pode esperar
 Eu não sei se a noite me leva
 Eu não ouço o meu grito na treva
 E o fim quer me buscar

Pedro Abrunhosa
 (Balada de Gisberta)

Você é a última com quem vou falar, por ora, sobre a história de Raimundo. Começo pelo Raimundo, mas quero mesmo é falar com você. A primeira vez que Raimundo te viu, ele reconheceu em você uma alteridade inimiga. O seu corpo, a sua profissão, o seu jeito de existir no mundo chocaram ele, ameaçaram a existência dele. Você, Suzzanný, desafortada, imagino que não por escolha, mas por sobrevivência, já chegou perguntando, vestida com uma tanga preta e uma tira de pano rosa-choque sobre os seios: *E aí, gato, a fim de um curtidão?* Você ao se dirigir a ele despertou medo, medo de ser visto como uma pessoa igual a você, uma travesti. A sua presença era/é símbolo de *aberração, peitos de plásticos, se fazendo de mulher e tem um pau no meio das pernas, seu baitola, viado imundo.*

Suzzanný, a gente era igual, e era diferente, que travesti não cuida de vergonha. Raimundo não era o único a pensar isso. Fiquei remoendo essa questão e fui perguntar a minha amiga Irene como era essa relação quando ela começou a se jogar no *glitter*, conviver e aprender com outros corpos, narrativas e existências diferentes, enfim, as vidas outras que não se aparentavam/aparentam com o modelo cristão-ocidental-hetero. Não sei se tivemos ainda um avanço exponencial em nossa sociedade, claro, hoje, temos algumas representações políticas. Suzzanný, acredita que tem travesti doutora, doutora de palavras, o nome dela é Amara Moira, ela saber

usar as palavras para escrever de si e de outrem, conta como é ser/existir travesti no nosso mundo latino-americano. Acho que você iria gostar do primeiro livro dela se chama *Se eu fosse puta*. Acho também que você ia gostar de ler o que ela escreve, mas você, quem gosta de inventar histórias, como diz Raimundo, pode escrever as suas também, se quisesse. Eu seria um dos primeiros a querer te ler, a ouvir suas histórias contadas por ti, uma sujeita singular.

Nessa vontade de não ser associado a você, de não ficar perto da sua existência, Raimundo te bateu, violentou um corpo que ela achava tão diferente do dele, abominava. Você lembra, claro, né? A noite que ele foi tirar satisfação do motivo de você, Suzzanný, ter ido debochar dele na frente dos amigos. Naquela noite Raimundo foi te procurar para te bater, descontar a raiva do medo que ele tinha de travesti. Ele te fez parar no hospital, muito machucada, mas você não deixou ele te bater sem lutar. Você se defendeu como pode. Ele te bateu porque não suportou a verdade. Você sim, Suzanný, foi corajosa; a necessidade te fez sair e encarar as ruas. Como diz Lynn da Quebrada: travesti não é filha, nem filho, é falha. Não ia ser Raimundo, aquele Raimundo de antes, que iria te amedrontar: *Pois, meu filho, eu que quero ver tu ter coragem de fazer o que eu faço, tua coragem tu acha só ali, ó, da porta pra dentro do cinema. Da porta pra fora, o que que tu acha? Está aí, na tua cara!* E você, Suzzanný, era conhecida por não levar desaforo, leva surra, perde feio, fica sem os dentes, a boca toda cheia de sangue, mas enche a boca para dizer que apanha pra não apanhar a sua dignidade do chão. Como o mundo é triste, Suzzanný, corpos como os seus, mais do que como os meus, precisam sempre lutar para existir, para serem sujeitos sempre (re)existindo.

O que eu fiquei a pensar, Suzzanný, é como apesar do que Raimundo te fez você o ajudou depois, ficaram amigos, amigos que saem de mão dadas: um viado velho de mãos dadas com um travesti, como disse Raimundo, todo mundo olhando, mas ele não estava nem aí mais! Pois ele entendeu que não era bem vindo no centro da cidade, onde encontramos pessoas e locais de poder, uma cidade toda letrada, não quer gente como vocês, como eu, dentro dela. Somos jogados à beira desses centros, nos colocam à margem (Rama). Foi ao te quebrar, Suzzanný, que as palavras e o cinturão do pai de Raimundo o fez estalar por dentro. O medo do pai passou para o espinhaço que sustentava Raimundo, e saiu de dentro dele no dia em que ele te agrediu. Raimundo, mais tarde, aprendeu com você. Ele se colocou num movimento de alteridade (Bakhtin) -palavra, Suzzanný que faz refletir sobre o lugar

do outro-, já que, como disse a doutora de palavras: *Quem se permite sentir atração por nós, nossos corpos, existências? T-lovers, travequeiros, fetichistas, gente que só assume nos desejar na calada da noite, longe dos olhares públicos, gente que só consegue nos ver como aberrações. É necessário “desconstruir-se” para ser capaz de gostar de gente como nós, é necessário coragem pra nos tratar como gente.*

Você transformou a vida de Raimundo, ensinou a ele a ter coragem de ser quem é, ter respeito por outros corpos e não medo. Você (na sua condição exotópica, pode vê-lo e compreendê-lo) o incentivou a ir à escola para aprender a ler e escrever -afinal ele tinha a carta dobrada de Cícero para ler-, você quem deu nome à placa para atrair clientes de costura para o Raimundo: Rai -Mundo das Linhas e Botões, nome enfeitado. Você sabia que o povo ia procurar o Rai. *Deixe que de nome eu entendo.* Claro que entendia, foi você mesma que se (re)batizou, escolheu o seu nome: Zuzzanný, com dois zês e dois enes.

Zuzzanný, foi com você que Raimundo conversava sobre palavras parecidas com ele por dentro, palavras que estavam ali no cotidiano de vocês dois como, por exemplo, a palavra peito, peito de mulher: *Gosta dos meus peitos? É bom conversar quando não há medo de se usar as palavras.* Raimundo gostava muito, Suzzanný. Eu também gosto de conversar com minha *gaydrinha*, pergunto sobre costura, de cinta-liga para usar com um boy, pergunto e falo de coisas de dentro de mim, e escuto ela também. É diferente, não precisamos, como você e Raimundo também não, ficar pastorando as palavras e não entrar no delírio do verbo, bem lá no buraco fundo onde só quem tem bons ouvidos e olhos atentos de criança que sabe escutar as cores das palavras que colorem o cinza do mundo...

Com afeto,

Ícaro

Bagé, meados de inverno de 2022

Para a bibliotecária do campus Jaguarão,

As bibliotecas deviam ser declaradas da família dos aeroportos, porque são lugares de partir e de chegar. Os livros são parentes directos dos aviões, dos tapetes-voadores ou dos pássaros.

Os livros são da família das nuvens e, como elas, sabem tornar-se invisíveis enquanto pairam, como se entrassem dentro do próprio ar, a ver que existe para depois do que não se vê.

O leitor entra com o livro para depois do que não se vê.

Bibliotecas, Valter Hugo Mãe

Escrevo, esta breve carta, para te dizer que, ao receber meu Trabalho de Conclusão de Curso, logo notará que ele foge ao gênero usual que se espera ler esse tipo de trabalho. Passa longe do gênero artigo acadêmico. Resolvi me aventurar a escrever algo sobre o livro *A palavra que resta*, de Stênio Gardel. Aqui deixo algumas palavras que restam, as vozes que permeiam minhas palavras neste diálogo que estabeleço por meio de cartas.

ABREU, Caio Fernando. *Contos Completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. (tradução feita a partir do original francês por Maria Ermantina Galvão; revisão da tradução de Marina Appenzeller). 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores: 2012.

BARROS, Manoel. *Meu quintal é maior que o mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BERNARDO, G. *Redação inquieta*. 5 ed. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2000.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan*. Trad. Alcira Bixio. Espanha: Paidós, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARDEL, Stênio. *A palavra que resta*. Companhia das Letras, 2021.

GERALDI, J. W. *Ancoragens – Estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GERALDI, J. W. Da redação à produção de textos. In: CHIAPPINI, L. (cord.) *Aprender e ensinar com textos de alunos*, volume 1. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2004
Coordenadores do volume João Wanderley Geraldi e Beatriz Citelli.

HILST, Hilda. *Cartas de um sedutor*. São Paulo: Globo, 2002.

HUGO MÃE, Valter. *Contos de cães e maus lobos*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Tradução de Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOIRA, Amara. *E se eu fosse puta*. São Paulo: Hoo Editora, 2016.

OLANDA, Icaro. Uma experiência com o uso do gênero discursivo carta. *Anais 11º Foro de Lenguas*. Uruguay: Montevideo, 2019.

Pessoa, Fernando. *Poemas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

RAMA, A . *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SARTRE, Jean-Paul. *O que é a Literatura?* 3 ed. São Paulo: Ática, 2004.

VOLOSHINOV, V. N. (MIKHAIL BAKHTIN). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3 ed. (Trad. de Michel Lahud e Yara F. Vieira). São Paulo: Hucitec, 1986.